



A pandemia fora de controle e a postura de algumas igrejas evangélicas: uma resposta ética ao apelo do outro?

The out-of-control pandemic and the stance of some evangelical churches: an ethical response to the other's call?

Abdruschin Schaeffer Rocha¹⁰⁷

Docente no PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Maurício Ribeiro de Castro¹⁰⁸

Mestrando em Ciências das Religiões no PPCCR da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: O artigo intenta compreender o significado ético da postura de algumas igrejas evangélicas no Brasil que se colocaram na contingência de exigir o funcionamento presencial de seus templos, mesmo assistindo ao prenunciado colapso na saúde pública, provocado por uma pandemia fora de controle (COVID-19). A ciência vinha infirmando que para impedir o crescimento da curva de contaminação pelo coronavírus e, com efeito, evitar a proliferação de uma nova CEPA, fazia-se necessário adotar medidas de caráter restritivo do ponto de vista social. A considerar que a Igreja, deontologicamente, fez um compromisso sacrificial em defesa da vida, e decerto, a vida do *Outro*, insurge a necessidade de se auscultar a perspectiva dessas instituições religiosas que contrariaram as orientações científicas, a fim de discernir, em sentido ético, se agiram responsabilmente ante ao manifesto apelo de uma alteridade vulnerável e comumente esquecida. O referencial teórico-analítico é a ética levinasiana da responsabilidade.

Palavras-chave: Pandemia. Igreja evangélica. Ética. Responsabilidade. Lévinas.

Abstract: This article seeks to understand the ethical meaning of the stance taken by some evangelical churches in Brazil that insisted on the in-person operation of their temples, even witnessing the foretold collapse in public health caused by an uncontrollable pandemic (COVID-19). Science had been affirming that, in order to prevent the growth of the coronavirus contamination curve and, consequently, avoid the proliferation of a new variant, it was necessary to adopt socially restrictive measures. Considering that the Church, deontologically, made a sacrificial commitment in defense of life,

¹⁰⁷ Doutor em Teologia pela PUC-Rio, mestre em Teologia pela Faculdades EST, graduação em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Brasil e em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo. É docente no PPGCR-FUV.

¹⁰⁸ Bacharel em Teologia pela Universidade da Grande Dourados (UNIGRAN). Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV).

particularly the life of the Other, there is a need to examine the perspective of these religious institutions that opposed scientific guidelines. This examination aims to ethically discern whether they acted responsibly in the face of the evident appeal of a vulnerable and commonly forgotten alterity. The theoretical-analytical framework is Levinasian ethics of responsibility.

Keywords: Pandemic. Evangelical Church. Ethics. Responsibility. Levinas.

Introdução

Esse período pandêmico que ainda se protraí no tempo, atinente à escaldada intensa da COVID-19, fez insurgir um certo burburinho no campo religioso brasileiro, notadamente provocado por diversos grupos evangélicos¹⁰⁹ que interferiram na esfera pública, no intento de ver decretada a essencialidade das atividades religiosas correlatas, em busca de manter o funcionamento presencial de seus templos, a colocar sob suspeita a intencionalidade de suas lideranças, diante de um mundo onde o caos sanitário estava, cientificamente, pré-anunciado. Não por outro motivo, intenta-se compreender neste artigo, através de sintético excerto da filosofia levinasiana, o significado ético da postura das igrejas evangélicas, que mesmo assistindo ao colapso do sistema público de saúde brasileiro, provocado por uma pandemia fora de controle, ainda assim, colocaram-se na contingência de desafiar variadas orientações científicas balizadas, que conclamavam ao isolamento social. Ao que parece, nem mesmo o funesto acontecimento da segunda onda de contaminação pelo coronavírus¹¹⁰, com o seu alto índice de letalidade, foi o suficiente para interpelar essas instituições, no sentido de virem a adotar medidas mais restritivas de convivência social, notadamente, a não realização de cultos presenciais, em que pese, deontologicamente, “mitem” em defesa da vida e, decerto, a vida do *Outro*.

Sem dúvida, o flagelo provocado pela pandemia, traz em si a dor da perda, o medo da morte e, não raramente, o sofrimento intenso do fiel constrictado ou ameaçado, aglutinado em uma feição emocional em busca de *excedência* (ultrapassagem do *ser*, como diria Emmanuel Lévinas), via o *Outro*. E, nesse ambiente encontra-se o autor de um serviço religioso essencial que reduz o significado de sua realização a uma só tipologia prestacional, como se o funcionamento presencial do

¹⁰⁹ Em que pese se tenha a consciência de que esse conjunto contém uma diversidade muito ampla de grupos distintos entre si, aqui se toma o significante “evangélicos” em seu sentido corrente para designar todos os não-católicos e ortodoxos, em um só grupo presente na esfera pública. Para saber mais: CUNHA, Magali do Nascimento. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Appris, 2019. p. 13ss.

¹¹⁰ Quando este artigo está sendo escrito, experimentamos a chamada “segunda onda” de contaminação. Há um certo dissenso entre os técnicos quanto à definição de início e término das ondas da COVID-19 (O que são ondas da Covid-19 e por que o Brasil pode estar diante da terceira? *CNN Brasil*, 30/05/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-sao-ondas-da-covid-19-e-por-que-o-brasil-pode-estar-diante-da-3/>. Acessado em: 30/05/2021). Consoante alguns pesquisadores, a “segunda onda” da Covid-19 no Brasil se iniciou em novembro de 2020, quando se constatou um aumento no número de reprodução básico (*Rt*), o qual indica quantas pessoas serão contaminadas a partir de uma só pessoa infectada, durante o período de atividade viral. Se o índice for superior a 1, há indicativo de expansão da pandemia (SANTOS, Vanessa Sardinha dos. “Segunda onda de covid-19 no Brasil”. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/segunda-onda-de-covid-19-no-brasil.htm>. Acessado em 30/05/2021).

templo fosse a correlata condição de procedibilidade para a produção de uma resposta (espiritual) ética adequada.

Cenários como esse remetem o cientista da religião ao corriqueiro encontro do homem ¹¹¹ (Mesmo) com o (Outro) homem, em um infindável nó de trânsito sociorrelacional com recorte religioso. E, lamentavelmente, a despeito da evolução do espírito em Hegel, a história tem mostrado que nestas aproximações, mesmo sem se dar conta, não é incomum o sujeito ter a sua identidade negada, uma vez reduzido ao seu meio, como se fosse uma abstração. Em vista de resgatar a alteridade esquecida, Lévinas vai propor a ruptura da imanência (uma diferença que se abre entre o “eu” e o “si”) e, com efeito, preocupar-se-á em saber como o sujeito se desvencilha do *ser*, fazendo insurgir uma subjetividade autêntica, onde o Outro não acabe encapsulado pelo Mesmo, que, insistente no cuidado de *si*, totaliza um “eu-tudo”, propenso a ser, pretensiosamente, o centro do universo. Esse pensador, diante do caoticismo inumano ao seu tempo¹¹², refletirá acerca de uma outra forma de humanismo, exatamente, “o humanismo do outro homem”, pautado na ética da responsabilidade, cujo saber acolhe o Outro e conserva a sua alteridade, mantendo-se a partir do encontro, um “estrangeiro no Mesmo”, literalmente irreduzível, e a quem o “eu” deve tudo.

Assim, tendo como referencial teórico-analítico, a ética levinasiana da responsabilidade, buscar-se-á, aqui, auscultar o significado ético do mencionado posicionamento eclesiástico diante da absurdidade pandêmica, no sentido de compreender, se o apelo do *Outro* — inserido ou não (o terceiro) no conjunto da membresia (eclesial) —, fora, institucionalmente, acolhido, em sede de responsabilidade, numa radical não-indiferença aos homens.

Para tanto, a primeira seção deste texto circunscreverá a gravidade do momento pandêmico, as orientações restritivas da ciência, as tensões políticas e apontará quais instituições evangélicas se colocaram na contingência de exigir o funcionamento presencial de seus templos, suscitando os elementos caracterizantes de tal agir; na segunda seção, será sintetizada a ética levinasiana, dando-se ênfase ao apelo do *Outro* via *epifania* do rosto que, exteriorizando-se em sua nudez, “fala” e aguarda como resposta a assunção de uma sutil responsabilidade pelo sujeito interpelado; e, por fim, a terceira seção se ocupará de descrever o sentido ético do posicionamento eclesiástico *sub* apreciação e as suas implicações, a considerar a tragicidade pandêmica e a deontologia institucional fundante.

1 A pandemia fora de controle e a postura de algumas igrejas evangélicas

Conforme informativo do Ministério da Saúde, no dia 12 de março de 2020, veio à tona o primeiro falecimento, na terra de Santa Cruz, provocado pelo vírus Sarc-

¹¹¹ Manteremos a expressão assim como utilizada por Lévinas, embora aqui se reconheça que a expressão “ser humano” seja mais adequada e atualizada.

¹¹² A ética levinasiana (1906-1995) é a resultante lógica dos acontecimentos mais assombrosos do século XX, decerto, correlacionados com ideologias europeias totalitárias que descansam na autonomia do “Eu”, em plena ratificação de um narcisismo perverso que permite a criação de uma caricatura atinente à supremacia de uma raça, algo decerto, por demais relacionado com o eurocentrismo Hegeliano. Para saber mais: DUSSEL, Enrique. 1492: *O encobrimento do outro* (a origem do “mito da modernidade”). Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 18-26. E é exatamente nesse contexto de antisemitismo e a experienciar as agruras da primeira guerra mundial e ser vitimizado pela segunda, que insurge o pensamento (levinasiano) de quem sentiu na pele a “suspensão da ética”. Para saber mais: DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2005. p. 135-136.

cov-2 (coronavírus).¹¹³ Um ano depois, submetido à letalidade da impiedosa “segunda onda”, o Brasil já contava com mais de 275 mil mortes por COVID-19, e quase que sem exceção regional, percebia-se, nitidamente, que o país se via à beira do abismo, achafurdado em uma pandemia fora de controle.

De fato, em entrevista ao programa Revista Brasil TVT, ocorrida no dia 07 de março do ano em curso, o neurocientista Miguel Nicolelis, ex-coordenador do Comitê Científico do Consórcio Nordeste estabeleceu que o país ainda não teria alcançado, nem de perto, o pico dessa segunda crescente de contaminação, de modo que, conforme a sua fala, sem a adoção de medidas restritivas, quanto ao agrupamento e à circulação de pessoas, por, ao menos 21 dias, o referencial de até 3 mil mortes por dia, poderia ser experienciado, sobretudo a considerar o colapso iminente dos sistemas de saúde nas cinco regiões.¹¹⁴

De fato, no ápice de tal pronunciamento, exatamente naquele dia, teria morrido no Brasil, 1.086 pessoas vitimadas pela COVID-19, quando, então, a média de mortes (para os últimos 7 dias) estava estacionada na casa de 1.496. Contudo, quase uma semana depois, essa estatística mudou significativamente: no dia 13.03.2021, 1.997 pessoas faleceram e a mesma média alcançou o referencial de 1.825 mortes por dia¹¹⁵. Mas, o pior, profeticamente, suscitado, ainda estaria por vir: no último dia do mês de março, morreram 3.869 pessoas e a média em comento já se encontrava no patamar de 2.976 mortes¹¹⁶; e, logo em seguida, o dia pandêmico mais funesto mostrara a sua triste face: 4.295 seres humanos perderam a vida em 08.04.2021.¹¹⁷

De acordo com a posição de Nicolelis, quando os leitos de UTI são ocupados em mais de 85%, chegando a 90%, o colapso no sistema é iminente, e isso significa, substancialmente, um atendimento em condição crítica, que se evidencia a partir de filas enormes ¹¹⁸ de pessoas que aguardam regulação para serem internadas ou atendidas. A questão é que o coronavírus, nessas circunstâncias, não tem a mesma indulgência temporal. Não por outro motivo, em março e abril de 2021, ocorreram no Brasil, respectivamente, 66.868 e 82.401 mortes por COVID-19. ¹¹⁹

Assim, a considerar as trágicas circunstâncias que há muito se desenhavam, a ciência apontava que, uma vez incorrente um plano de vacinação suficiente para conter a disseminação do vírus, outra saída não se impunha, a não ser, a paralisação de todas as atividades não essenciais, além do controle de circulação de pessoas em aeroportos e rodovias. De fato, a pandemia vinha se alastrando à galope, a ponto de o Brasil se tornar um excelente palco de mutações, que propiciara, *v.g.*, o insurgimento

¹¹³ VERDELIO, Andreia. Primeira morte por COVID-19 no Brasil aconteceu em 12 de março. *Agência Brasil*, 28.06.2020 [online].

¹¹⁴ PANDEMIA fora de controle: Nicolelis prevê ‘pior março’ da história do Brasil. *Rede Brasil Atual* [online].

¹¹⁵ Coronavírus (COVID-19). Estatística do dia 13.03.2021 [online]. Disponível em: <https://g.co/kgs/JViK3E>. Acessado em: 01.04/2021.

¹¹⁶ Coronavírus (COVID-19). Estatística do dia 31.03.2021 [online]. Disponível em: <https://g.co/kgs/JViK3E>. Acessado em: 01.05/2021.

¹¹⁷ Coronavírus (COVID-19). Estatística do dia 08.04.2021 [online]. Disponível em: <https://g.co/kgs/JViK3E>. Acessado em: 01.07.2021.

¹¹⁸ PANDEMIA fora de controle: Nicolelis prevê ‘pior março’ da história do Brasil. *Rede Brasil Atual*. 08.03.2021[online].

¹¹⁹ Abril foi o mês mais letal da pandemia de Covid no Brasil, com mais de 82 mil mortes. *Folha de São Paulo*, 30.04.2021 [online].

de uma outra variante do coronavírus, ainda mais severa (P.1)¹²⁰ – classificada internacionalmente como uma “variante de preocupação”¹²¹. Não por outro motivo, diversos canais de comunicação de outros países noticiaram a situação aqui vivenciada, como uma ameaça global.¹²²

Diante de tamanho desafio, alguns Governos dos Estados-Membros e dos Municípios brasileiros, em uma queda de braço cabal, perfizeram, desde o início da Pandemia, uma luta diuturna, no sentido de tentar coibir o avanço do coronavírus, seja a considerar o esforço para se adquirir, diretamente, vacinas, seja adotando debaixo de muita tensão, medidas restritivas para evitar agrupamentos sociais, ressalvadas as atividades consideradas essenciais.

Tais Estados-Membros e Municípios, ante à falta, inclusive, de um programa de informação nacional uníssono, quanto à Pandemia, além de enfrentar a política diluída pelo governo federal, inclusive, no que se refere à definição da natureza das atividades consideradas essenciais, ainda precisaram fazer frente ao levante de diversos segmentos de natureza comercial e industrial, inconformados com as normas restritivas e a sua insustentabilidade econômica, para não falar de um coeficiente da população, absurdamente aturdida pelos “doutores de plantão”, que se incursionam de forma robótica nas redes sociais e, não raramente, desconsideram as interjeições da ciência.

E esta situação alcançou um grau significativo de pioria, na medida em que, observando-se o campo religioso brasileiro, percebeu-se a “luta” de algumas igrejas evangélicas, a partir de seus líderes e representações políticas, para que a essencialidade do serviço religioso restasse reconhecida, de modo a justificar a ocorrência de cultos presenciais. Além de a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso se posicionar, desde o início da Pandemia, contrariamente ao não funcionamento dos templos — ¹²³ no que fora acompanhada, também, por diversas representações estaduais —, muitas lideranças religiosas se mostraram, mesmo em um momento caótico, no qual o sistema de saúde se encontrava, relutantes quanto ao fechamento das igrejas ¹²⁴ durante a Pandemia. Alguns, nesse intento, chegaram a defender que a igreja é um lugar de “consolo e conforto”, além de ser um “alimento para a alma”, ¹²⁵ o que justificaria o serviço presencial.

De fato, desde os primeiros meses, já vigente a pandemia da COVID-19 no Brasil, a evidenciar o caráter fragmentário dos evangélicos, muitas vezes vinculadas

¹²⁰ Outras variantes já teriam insurgido originariamente no Brasil até março de 2021, a exemplo da P2 e da N9. Para saber mais: LUISA, Ingrid. Brasil, um possível celeiro de novas variantes do coronavírus. *Veja Saúde*, 22.03.2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/brasil-um-possivel-celeiro-de-novas-variantes-do-coronavirus/>. Acessado em: 01.06.2021.

¹²¹ RESENDE, Olívia. Pesquisador da UFMG explica como se formam as variantes, linhagens e cepas do novo coronavírus. *M – UFMG*. 22.04.2021 [online].

¹²² PHILLIPS, Tom. Brazil's COVID-19 outbreak is global threat that opens door to lethal variants 7 scientist. *The Guardian*. 03.03.2021[online].

CHEVILLOT, Annick. Un scientifique lance l'alerte: l'épidémie au Brésil est une menace mondiale. *Heidi News*. 04.03.2021. [online].

¹²³ BORGES, André. Bancada evangélica pede reabertura templos para enfrentar ‘pandemia maligna’. *Jornal O Estado de São Paulo*. 18.03.2020 [online].

¹²⁴ PORTINARI, Natália. Pastores entram com ação no STF para liberar cultos em São Paulo. *O globo*. 19.03.2021[online].

¹²⁵ MARTINHO, Anahi. Fiéis vão a igreja na fase vermelha em São Paulo: ‘espiritualidade acima de tudo’. *Uol Notícias*. 06.03.2021[online].

às igrejas pentecostais, neopentecostais e às protestantes tradicionais (batistas, metodistas e presbiterianos) se alinham à postura política de caráter negacionista, quanto à gravidade da situação vivenciada em sede de saúde pública. Embora não seja possível individualizar a postura de cada tradição religiosa acerca da matéria, já que a COVID-19 perfez divisões internas em diversos segmentos evangélicos, pode-se afirmar que as denominações assim consideradas mais autocráticas, centradas na representação de líderes específicos com feição midiática,¹²⁶ indubitavelmente, insistiram em enfrentar as recomendações científicas atinentes à contenção da contaminação pelo coronavírus, mesmo assistindo a uma verdadeira crescente no número de mortes e o abarrotamento dos hospitais com pacientes portadores de COVID-19.

O pastor Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que ao tempo de sua fala contava com 1 milhão e 400 mil seguidores no Twitter, sobre a restrição de cultos presenciais, disse que somente fecharia as suas igrejas com ordem judicial, quando, então, encorajara os seus fiéis a não terem medo; R. R. Soares, por sua vez, criador da Igreja Internacional da Graça, na mesma linha, posicionou-se no sentido de dizer que o povo de Deus não deve ficar com medo do coronavírus, pois ele seria a “coroa do diabo” e os fiéis têm a coroa de Jesus¹²⁷; mas, foi Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus que, defendendo a manutenção das igrejas com cultos presenciais, desfechara acerca da matéria de modo emblemático e pitoresco, quando ventilara que o coronavírus seria uma “tática de satanás”, porém existiria um “antídoto” denominado “coronafé”, o qual introjetaria na membresia uma salvaguarda *a priori*, uma vez que, “quem tem fé em Deus estará protegido.”¹²⁸

De uma forma geral, esses grandes representantes do (neo)pentecostalismo brasileiro, a contar, também, com diversos outros atores do segmento evangélico, defenderam a manutenção das igrejas com cultos presenciais, alegando ser um serviço essencial¹²⁹, aprisionados, invariavelmente, na “esperança” de que a fé em Deus é superior a qualquer mal, a asseverar que os seus seguidores estariam a salvo da praga pandêmica e não deveriam temê-la¹³⁰. O casal Hernandez, *v.g.*, fundador da Igreja Renascer em Cristo, chegou a sugerir um holocausto monetário no altar, como medida de proteção espiritual contra o coronavírus.¹³¹

Ou seja, nitidamente, essas igrejas se firmaram contrárias ao *lockdown* ou, no mínimo, a uma restrição normativa que lhes atingisse, mesmo o sistema de saúde se encontrando à beira do abismo, no pior momento da pandemia¹³² e subsistente a

¹²⁶ MORI, Leticia. Como a crise do coronavírus expõe racha entre evangélicos no Brasil. *BBC Brasil*, 28.04.2020 [online].

¹²⁷ Coronavírus tem criado medo no mundo inteiro. *Universal*, 12.03.2020 [online].

¹²⁸ Coronavírus tem criado medo no mundo inteiro. *Universal*, 12.03.2020 [online]. 1

¹²⁹ DIP, Andrea *et al.* O *lobby* dos evangélicos contra o fechamento das igrejas: Bolsonaro briga para manter templos abertos por demanda da bancada evangélica e líderes de megaigrejas. *A Pública*, 07.04.2020 [online].

¹³⁰ MACIEL, Alice. Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus: templos que recebem milhares de pessoas por culto planejam inclusive esquema de plantão para atender “os aflitos”. *A Pública*, 19.03.2020 [online].

¹³¹ MACIEL, 2020.

¹³² BRUNO, Cássio; SAMPAIO, Jana. No pior momento da pandemia, as igrejas permanecem lotadas: o governo apoia, mas a Justiça pôs um freio nos cultos e missas. *Veja*, 09.04.2021 [online].

orientação científica no sentido de ratificar a necessidade de se evitar agrupamento social. Sem dúvida, tais instituições e seus representantes partidários se baseiam, politicamente, em uma visão teológica da realidade e essa teologia é inerentemente política, numa perspectiva de orientar ideologicamente o “novo espaço coletivo”.¹³³ É claro que seria uma ingenuidade não perceber o caráter público do fazer teológico, que intenta adentrar “(...) na esfera política de localidades particulares.”¹³⁴ Não por outro motivo, Zabatiero vai se referir a essa predicação “pública” como sendo “público-política”,¹³⁵ o que, de uma certa forma, acende uma luz no sentido de evidenciar que inexistente uma teologia desideologizada.

Destarte, à obviedade, a postura de tais igrejas ante a essa Pandemia e sua marcha mortífera impiedosa traduz uma certa ética, que ora se problematiza, no sentido de compreender se em tal formatação vem à tona um agir responsável que, homenageando a vida, acolhe a alteridade ou o apelo do *Outro* — ocupando este um lugar central — ou, se se está diante, quiçá, de uma violência que se tem buscado justificar.

Inclusive, essa breve visada mostra-se com sendo uma preocupante essencialidade, a partir do momento que se detecta a hegemonia da religião cristã, ao se observar o campo religioso brasileiro a partir do censo demográfico de 2010.¹³⁶ Muito embora o catolicismo tenha perdido a sua centralidade, deixando de ser a religião dos brasileiros, sem dúvida, continua se mostrando como a religião da maioria, já que detém algo em torno de 64,63% da população total.¹³⁷ Mas, o anunciado decréscimo católico-romano não resultou na diminuição do cristianismo, pois os evangélicos — conforme a referida estatística *sub* análise — vêm crescendo a cada década, a contar com quase 22,2% dos declarantes recenseados.

Portanto, em um país onde quase 90% (noventa por cento) de sua população declarante atesta ser cristã, não é despiendo o quanto infirmado por determinadas igrejas, quando situa como adequado esse ou aquele comportamento ou proceder. Não se tem aqui como incorrente a distinção entre a “natureza propriamente existencial das religiões” — que privilegia a experiência (sensível, afetiva e intelectual) —, e sua “dimensão institucional”, condizente com as estruturas de organização e de poder.¹³⁸ Não raramente, subsiste uma tensão entre essas duas vertentes, o que, inclusive, *mutatis mutandis*, costuma acontecer entre “o *eclesial* (dimensões mais vivas e criativas da vivência comunitária da fé cristã) e o *eclesiástico* (dimensões formais, jurídicas e institucionais da igreja).”¹³⁹

Inobstante, tanto ali quanto aqui, seria uma ingenuidade não perceber, neste ínterim pós-secular, o caráter existencial e vinculante da religião que, mais viva e presente do que nunca na esfera pública — diante do caos provocado pela razão instrumental e a conseqüente sensação niilista de se viver à beira do abismo —, acaba

¹³³ ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 107.

¹³⁴ ZABATIERO, Júlio. *Para uma teologia pública*. 2. ed. São Paulo: Fonte; Vitória: Unida, 2011. p. 7.

¹³⁵ ZABATIERO, 2011. p. 7.

¹³⁶ BRASIL. IBGE. Censo de 2010 [online].

¹³⁷ TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 23-24.

¹³⁸ SAVIAN FILHO, Juvenal. *Religião*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 20-21.

¹³⁹ RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Entrar na Igreja por outra porta: reflexões eclesiológicas para os dias de hoje. *Theologando - Revista Teológica*, São Paulo, a. II, n. 2, 2008. p. 50.

por engajar uma determinada comunidade na perspectiva de promover sentido e orientação moral.¹⁴⁰ E, isso ainda se torna mais sensível na medida em que se percebe, hodiernamente, um intento indisfarçável das mais variadas igrejas de reconfeccionar as atividades sociais, a partir de uma intervenção mais profícua nos processos políticos e decisórios, o que sugere uma certa racionalidade, uma ética e uma dada tipologia de sujeito.

2 Lévinas e a ética da responsabilidade diante do apelo do outro

Ocorre que, torna-se, no mínimo, *sub* suspeita, a definição do homem como ser racional, quando ele, orientado exclusivamente pelo seu desejo, “não pisca os olhos” e continua matando cruelmente o seu semelhante em nome de sua grandiosa “razão”. Nietzsche, há muito, sentira esse cheiro putrefato desse réquiem ético, quando intentara configurar o niilismo: a perda e a transvaloração dos valores supremos (concebidos “como aquilo que dá sentido a todas as coisas materiais, em geral, e à vida do homens, em particular”);¹⁴¹ a inconsistência da existência enquanto espaço informado por tais valores e pelos ideais, tidos como os mais altos; e a, conseqüente, falta de legitimidade humana de crescer um “*em-si* das coisas que seja ‘divino’ ou moral de carne e osso”¹⁴².

Essa triste reflexão nietzschiana quanto à verdade do mundo suprasensível e sua relação com o mundo sensível,¹⁴³ amalgamada a partir da metáfora atinente à “morte de Deus”, insurge como o desiderato de uma moral cristã que se mostrava como “o grande antídoto contra o niilismo prático e teórico”, mas a um só tempo, carrega em si uma veracidade que a ela se volta, e desnuda a sua teologia e os seus *interesses* últimos.¹⁴⁴ Diante de tamanho dissenso, a considerar uma moral radicada no além - que não insurge materialmente com qualquer sanção - a crise de valores, o relativismo e o conseqüente abandono, inclusive, da ideia de direito natural, o insurgimento de uma ética solipsista se tornou uma verdadeira condição de procedibilidade.

Essa decadência que sugere o ceticismo, “a libertinagem de espírito”¹⁴⁵ é a própria lógica do niilismo, o modo como ele se configura.¹⁴⁶ Conforme L. Strauss, “o atual abandono do direito natural leva ao niilismo; mais do que isso, ele se identifica com o niilismo”¹⁴⁷. E as conseqüências sociais desta experiência fundamental radicada na vida, têm trazido conseqüências constrangedoras do ponto de vista (inter)subjetivo, conforme, ainda, a fala do referido filósofo:

Uma vez compreendido que os princípios de nossas ações não têm outro fundamento que nossas preferências cegas, não cremos mais

¹⁴⁰ LUCHI, José Pedro. O lugar das religiões numa sociedade pós-secular. Discussão da perspectiva da J. Habermas. In ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (org.). *Religião e Sociedade (Pós) Secular*. Santo André: Academia Cristã; Vitória: Unida, 2014. p. 90.

¹⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. p. 29-56.

¹⁴² NIETZSCHE, 2008. p. 29.

¹⁴³ REALE, Giovanni. *O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 24.

¹⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. p. 29.

¹⁴⁵ NIETZSCHE, 2008, p. 44.

¹⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche: seminários de 1937 e 1944*. Petrópolis: Vozes, 2015 p. 38.

¹⁴⁷ “*L’abandon actuel du droit naturel conduit au nihilisme; bien plus, il s’identifie au nihilisme*” (tradução livre). STRAUSS, Leo. *Droit naturel et histoire*. Paris: Flammarion, 1986. p. 16.

realmente neles. Não podemos mais agir de coração tranquilo. Não podemos mais viver como seres responsáveis.¹⁴⁸

Com tal “vacuidade moral”, a vida continua mas pode se tornar absurda, pois os valores passam a ser um ponto de vista, uma perspectiva, que se impõe como condição de preservação de uma “vontade de potência”.¹⁴⁹ Logicamente, isso abriu fendas para uma cada vez mais constante e intensa intervenção da normatividade jurídica, o que de uma certa forma enalteceu os direitos soberanos do indivíduo, “direitos do homem, direitos aos prazeres, direito a buscar livremente os interesses pessoais”¹⁵⁰ *et coetera*. Inobstante, em que pese a “ética racionalista” evidencie há muito, essa crise genuína, não seria uma atecnia falar-se acerca de uma “redescoberta da ética”, a partir do pensamento levinasiano, o qual, por conta da casuística pandêmica abordada no item anterior, aqui se delimita, em apertadíssima síntese, estritamente no que se refere à responsabilidade do Eu em razão do apelo do Outro.

Cabe ressaltar, de logo, que a tradição ocidental pautada no modo ontológico de pensar helenístico, sempre delimitara a ética a partir da supremacia do *ser*¹⁵¹, onde não há lugar para o outro como *Outro*, por não se aceitar nada exterior à Mesmidade do Eu –identificada em *si* mesmo –, que insiste em tomar o *Outro* como “outro eu”, correspondente ao Mesmo.¹⁵² Conforme Lévinas, ocorreria aí, uma adequação do saber ao *ser* que conduz ao pensamento totalitário, não subsistindo nada exterior a ele, como se reinasse uma ideia adequada de *si*, onde o *Outro* “(...) se despoja de sua alienidade”¹⁵³. Nesta senda, o movimento espontâneo da consciência, por mais que reflita uma experiência acolhedora, traz em si a constituição do *ser* recebido como se dado fosse, “como se o sentido que ele traz fosse criado por mim.”¹⁵⁴ Aqui, a ontologia se mostra como filosofia primeira, que tem horror ao *Outro* que continua ser *Outro*¹⁵⁵ - aquele que difere do Mesmo, dele se afastando essencialmente.

Lévinas, no entanto, levanta-se contra esse pensamento que reduz o *Outro* à indiferença do mesmo do *ser*, quando, então, o *Outro* nessa circunstância é reconhecido, como outro igual ao Eu, como se não houvesse salvação além dessa construção ontológica.¹⁵⁶ A rigor, o sentido da filosofia levinasiana está no primado de que o homem importa para o outro homem, sendo fundamental a experiência do *face-à-face*, da proximidade, entre o “Eu” e o “Outro”, para que a totalidade¹⁵⁷ sofra uma

¹⁴⁸ “*Une fois compris que les principes de nos actions n'ont d'autre fondement que nos préférences aveugles, nous ne croyons plus réellement en eux. Nous ne pouvons plus agir d'un cœur tranquille. Nous ne pouvons plus vivre comme des êtres responsables*” (tradução livre). STRAUSS, 1986. p. 17.

¹⁴⁹ REALE, 2002, p. 26.

¹⁵⁰ LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2009. p. 4.

¹⁵¹ Lévinas condena a filosofia ocidental identificada como ontologia em virtude da hegemonia *sujeito/objeto, homem/ser* como fonte de todo sentido no encontro inter-humano. Para saber mais: KRONZONAS, David E. *Emmanuel Levinas: entre la filosofía y el judaísmo*. Buenos Aires: Biblos, 2015.

¹⁵² LÉVINAS, Emmanuel. O vestígio do outro. In: LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 228.

¹⁵³ LÉVINAS, Emmanuel. *Transcendência e inteligibilidade*. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 14.

¹⁵⁴ LÉVINAS, 1997, p. 229.

¹⁵⁵ LÉVINAS, 1997, p. 229.

¹⁵⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 26.

¹⁵⁷ O conceito de totalidade traz em si uma pretensão filosófica do Ocidente de se alcançar o saber absoluto; a razão definida pelo Eu, o que em Hegel, atingiu o ponto culminante, a partir da consagração

ruptura. Ao tratar dessa aproximação, Lévinas vai estabelecer que o “rosto” é o modo como o Outro se apresenta “ultrapassando a ideia do Outro em mim” – quando ele é reduzido à minha Mesmidade -, maneira esta que não se afigura como tema objeto de meu olhar, pois a cada instante ele, o rosto de Outrem, ultrapassa e destrói a imagem plástica que deixa e a ideia que dele faço ao meu nuto, exatamente, porque enuncia a sua verdade, a sua expressão, na medida que traz a ideia de infinito¹⁵⁸, o absolutamente Outro, intangível cujo *ideatum* (a *infinição* do infinito) ultrapassa a ideia que faço (o conteúdo rompe o continente), sendo, portanto, transcendente, e, assim, impassível de ser pensado como objeto.¹⁵⁹

Lévinas vai estabelecer que “(...) para ter a ideia de infinito, é preciso existir como separado”¹⁶⁰. Trata-se de um certo distanciamento ou melhor dizendo, uma separação cuja distância é infinita entre os entes: o Eu e o *Outro*, que não são ligados por nenhum gênero ou conceito comum, tendo cada um a sua *ipseidade* (o *si* mesmo, enquanto unicidade do “eu”) – identidade e alteridade, respectivamente. A significar que, a ideia de infinito é a possibilidade de o “eu” dar conta de seu estatuto criatural que implica, necessariamente, uma transcendência, uma revelação que vem de fora, que não seja apenas uma mera “ideia”, para que não reste englobado ou venha englobar a partir da consciência de *si* (um mau infinito).¹⁶¹ A ideia de infinito, destarte, significa, mas, a partir de uma significância que é anterior a toda consciência sendo, portanto, anárquica; trata-se de uma “ideia que significa por uma significância mais antiga que sua exibição, que não se esgota na exibição, que não tira seu sentido de sua manifestação, rompendo assim com a coincidência do ser e do aparecer (...)”¹⁶². Ou seja, a ideia de infinito é o infinito em mim, essa terra onde nunca estive, o *absolutamente outro*, não sendo, portanto, objeto de nostalgia e saudade (pois lá nunca estive), mas, especificamente, de um desejo (metafísico) – jamais confundível com a necessidade – que não posso satisfazer, diante daquilo que não é dado e que está para além de tudo, a alteridade, inadequada à minha ideia (englobante), mas que tem um sentido, a significar alteridade de Outrem, a do Altíssimo.¹⁶³

Lévinas vai dizer que a despeito dessa “louca aspiração ao invisível” (desejo) que traz uma exigência – uma ordem que é significada –, é indubitável que o século XX evidenciou uma experiência na qual a necessidade conduziu o pensamento dos homens, a delinear a sociedade e a história, projetando uma miséria humana circunscrita no domínio que as coisas e os maus exercem sobre os homens. Contudo, em sua escatologia da paz¹⁶⁴, o filósofo vai estabelecer com precisão que o exercício da

de uma consciência de si que suscita a universalidade do Mesmo. Para saber mais: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

¹⁵⁸ Lévinas vai se apropriar da ideia de infinito em Descartes, a considerar a sua meditação acerca da ideia de Deus, quando, então, o filósofo da era moderna, delineou a ruptura do “eu penso” a partir do momento que a consciência deixa de repousar sobre o objeto, por ser, *in casu*, Deus inapreensível, ineglobável. Para saber mais: LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

¹⁵⁹ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 36-38.

¹⁶⁰ LÉVINAS, 1990, p. 69.

¹⁶¹ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1984. p. 223-224.

¹⁶² LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 97.

¹⁶³ LÉVINAS, 1990. p. 21.

¹⁶⁴ Lévinas, dialogando com a filosofia de Hegel, vai tratar de uma escatologia na qual os seres têm uma identidade antes da conclusão da história; uma escatologia que é o além da história “torna possível *entes* ao mesmo tempo comprometidos no ser e pessoais, chamados a responder ao seu processo” que podem

liberdade deve fazer a diferença, atendendo-se ao desejo do absolutamente Outro:

Mas ser homem é saber que é assim. A liberdade consiste em saber que a liberdade está em perigo. Mas saber ou ter consciência é ter tempo para evitar e prevenir o momento da inumanidade. É o adiamento perpétuo da hora da traição – ínfima diferença entre o homem e o não-homem – que supõe o desinteresse da bondade, o desejo do absolutamente Outro ou a nobreza, a dimensão metafísica.¹⁶⁵

Perceba-se, assim, que embora se submeta à uma mutação de caráter transcendente, o rosto do Outro se enuncia, inicialmente, no sensível a partir de seus elementos visíveis, mas, é ali que uma nova dimensão se abre e interpela o sujeito que é deposto, na medida que o seu poder de poder apanhar ou de apreender nas prisões da consciência do *ser*, sofre uma mudança em sua natureza, pois em que pese esse sujeito busque ainda o dado sensível, acaba encontrando um outro dado, em virtude da exterioridade, da nudez do rosto, despojado de sua própria forma, por trazer a ideia de infinito – a alteridade absoluta -, ideia de Deus, que não poderá ser suspenso por uma apropriação da Mesmidade.¹⁶⁶

Ocorre, aqui, o que Lévinas chama de *afecção* do homem finito pelo infinito, uma passividade de admiração que é amor, gratuidade e temor de Deus¹⁶⁷, pensamento que pensa mais do que pensa (“ou que faz melhor do que pensar”), genuína afetividade de adoração “(...) *des-inter-essada* em que a pluralidade à guisa de proximidade não tem que se reunir em unidade do Uno”¹⁶⁸; ou se submeter à violência atinente à redução da transcendência à imanência (uma genuína interrupção da totalidade do *ser*)¹⁶⁹. A nudez do rosto, assim, abre uma “ordem” vindo à tona uma perturbação na consciência em resposta a essa abstração; a consciência, aqui, perde a sua primazia, pois o rosto tolhido em sua nudez, é uma miséria, privação, e, portanto, uma súplica (exigência) em sua visitação a mim, a significar que se me impõe “sem que eu possa deixar de ser considerado responsável pela sua miséria.”¹⁷⁰ Essa consciência que questiona a si pela visitação do rosto, em sua nudez, é o acolhimento do absolutamente outro, onde o Outro me interpela.¹⁷¹

Ou seja, em Lévinas, o que é especificamente rosto, não se reduz a ele; o acesso

falar ao invés de “emprestarem os seus lábios a uma palavra anônima da história.” Para saber mais: LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 7-16.

¹⁶⁵ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 21.

¹⁶⁶ LÉVINAS, Emmanuel. 1990. p. 192.

¹⁶⁷ A filosofia levinasiana insurge a partir de uma tensão que o filósofo perfaz entre a tradição filosófica grega e a sua identidade judaica – que se nutre de textos e do espírito semita – desaguando em sua ética, por ele apontada como filosofia primeira.

¹⁶⁸ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004, p. 278 e 279.

¹⁶⁹ O intuito filosófico em busca do Uno, ante à multiplicidade, é uma tradição no pensamento grego, de modo que as compreensões clássicas em torno dos entes, ante à pluralidade, submetem-se ao reinado do *ser* entronado na Unidade, o que para Lévinas sugere uma representação ou o primado da própria consciência psicológica, as quais devem ser ultrapassadas, rejeitando-se o idealismo. Para saber mais: MARTIN, Rogério Jolins; LEPARGNEUR, Hubert. *Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2014.

¹⁷⁰ LÉVINAS, Emmanuel. O vestígio do outro. In LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 237.

¹⁷¹ LÉVINAS, 1997, p. 238.

ao rosto é também o acesso à ideia de Deus e, a primeira palavra do rosto é o “não matará”¹⁷². Ele evoca a Palavra de Deus ou as pegadas do Infinito e traduz um sentido, “uma racionalidade, uma inteligibilidade” que “originariamente não é tema, não é objeto de um saber, não é o *ser* de um ente, não é representação, mas, antes, a sua maneira de significar”,¹⁷³ um pedido que traz em si uma ordem (a própria significância do rosto).¹⁷⁴ Lévinas vai dizer que o “rosto é significação, e significação sem contexto”, sem se referir a nada, exatamente o que não é visto, o incontível, que nos leva além (do *ser*), de modo que Tu és tu¹⁷⁵. Ele rompe com o mundo que pode ser comum aos envolvidos nessa relação, fazendo insurgir outrem em sua diferença absoluta, infinitamente transcendente, infinitamente estranho, quebrando a continuidade do *ser* e da história, a partir da linguagem.¹⁷⁶ Em Lévinas, essa *metafísica* do infinito no rosto, destarte, é a via de superação da totalidade do ser e da violência; o infinito enunciado pelo rosto guarda uma distância em relação ao mundo e ao sujeito (separação) além de remeter a uma dimensão de altura e santidade revelada no encontro, fazendo insurgir uma subjetividade já afetada pela sua enigmática passagem.¹⁷⁷ Assim, a significação altera se dá porque o rosto fala e torna viável todo o discurso, que deságua na responsabilidade, já que eu respondo diante daquele que “diz”¹⁷⁸. Ou seja, a transcendência do rosto põe o sujeito em questão.

Essa responsabilidade, tida aqui como ética, é a estrutura essencial da subjetividade, que, em plano ético, é para o Outro (não para si), pois se manifesta em razão de Outrem, aquilo que não criei, em sua abertura para mim; e desde o instante que o rosto do Outro a mim se revela, sem mesmo ter de assumir responsabilidades, já sou por ele responsável, e assim, dele me aproximo, não em uma relação intencional que se perfaz entre sujeito e objeto, mas, para me pronunciar fazendo-lhe alguma coisa ou dizendo, “eis-me aqui”, em plena diaconia, antes do diálogo.¹⁷⁹

Mas, essa resposta, conforme Lévinas, não fica “entre nós”, uma vez que a linguagem, como presença do rosto, não admite uma relação clandestina com um preferido; ela é justa, exatamente, porque o rosto em sua nudez faz uma abertura englobando todo gênero humano. A Bíblia dá testemunho, segundo este pensador, a se considerar Levíticos 25,23¹⁸⁰, de que ninguém está em sua casa, se se observar a condição ou incondição de “estrangeiro” na terra, a concluir que “os homens procuram-se (...)” nessa incondição que reúne – pela lembrança – toda a humanidade.¹⁸¹ O rosto, assim, conforme Lévinas me apresenta a miséria do pobre e o exílio do estrangeiro como sendo duas categorias em sede de igualdade. E essa condição de igualdade relativa à pobreza essencial, faz menção ao terceiro presente no encontro comigo e que me observa nos olhos do Outro, e já encontra, em sua penúria, a diaconia de Outrem,

¹⁷² LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2013. p. 72-74.

¹⁷³ LÉVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 27-28.

¹⁷⁴ LÉVINAS, 2013, p. 81.

¹⁷⁵ LÉVINAS, 2013, p. 70.

¹⁷⁶ LÉVINAS, 1990, p. 189.

¹⁷⁷ RIBEIRO, Luciane Martins. *A subjetividade e o outro: ética da responsabilidade em Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015. p. 73.

¹⁷⁸ LÉVINAS, 2013, p. 70 e 71.

¹⁷⁹ LÉVINAS, 2013, p. 79-81.

¹⁸⁰ 23 Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois para mim estrangeiros e peregrinos. *Bíblia Shedd*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 178.

¹⁸¹ LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 104.

o qual junta-se a mim e me ordena como se ordenasse a um Mestre, a significar que o discurso procedente da epifania do rosto é também uma palavra profética que responde àquela revelação que atesta a presença desse terceiro¹⁸², o qual é incomparável por ser único.

Ordinariamente, a responsabilidade subsiste por aquilo que se faz ou se deixa de fazer, mas, em Lévinas, desde o olhar do Outro, passo a ser por ele responsável, sem mesmo assumir qualquer obrigação; passo a ser responsável, inclusive, por aquilo que vai além do que faço, isto é, sou responsável pela própria responsabilidade do outro.¹⁸³ E nessa perspectiva, insurge *um outro modo que ser* que se revela através do espírito de des-inter-esse, o que acaba por animar a ideia de responsabilidade, de modo que a condição ontológica se desfaz ou é desfeita na via que deságua na referida condição ou incondição humana, a significar que ser humano consiste em “viver como se não fosse um ser entre os seres”, ocorrendo destarte a deposição do “eu” soberano da consciência de si, a partir da própria responsabilidade¹⁸⁴, e isso sem nada esperar do Outro.

Pela ética levinasiana, a relação intersubjetiva é não simétrica, de modo que a responsabilidade do Eu para com o Outro, não aguarda uma relação de reciprocidade, ainda que isso venha a custar a vida daquele que se encontra em plena sujeição; “sou eu que suporto tudo (...), o “eu” tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros.”¹⁸⁵ A subjetividade instada pela responsabilidade por Outrem, responde até expiar pelos outros, indo até a substituição. Neste sentido, Lévinas, valendo-se de mais uma categoria judaica, vai falar em Messianismo, quando, então, perfaz uma pergunta retórica: “Vimos que o Messias é o justo que sofre, que tem tomado sobre si o sofrimento dos outros. Quem toma, afinal de contas, sobre si o sofrimento dos outros, senão o ser que diz ‘Eu?’”.¹⁸⁶ E assim, delineia que “o Messianismo (...) é o meu poder de suportar o sofrimento de todos. É o instante em que eu reconheço este poder e minha responsabilidade universal.”¹⁸⁷ Ou seja, a ética deste filósofo desagua no homem messiânico... E neste caminhar, “posso substituir a todos, mas ninguém pode substituir-me. Tal é a minha identidade inalienável de sujeito”, que permite que a condição ontológica se desfça em um mundo onde a humanidade do humano está ausente (condição ou incondição humana).¹⁸⁸

Percebe-se, assim, que o *ser* se desfaz de sua condição de *ser*, insurgindo esse outro modo que ser (*hipóstase*), advindo como resultante uma responsabilidade sacrificial. Há aqui uma deposição do sujeito vindo à tona um “eu” que suporta o Outro sendo por ele responsável (*um-para-o-outro*), ou seja, a identidade do eu humano se dá a partir da responsabilidade e da deposição do “eu” soberano e este encargo é a suprema dignidade do sujeito, a sua identidade, pois deve ele substituir a todos, mas

¹⁸² LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 208 e 209.

¹⁸³ LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2013. p. 80.

¹⁸⁴ LÉVINAS, 2013, p. 83-84.

¹⁸⁵ LÉVINAS, 2013, p. 82.

¹⁸⁶ *On vient de voir que le Messie c'est le juste qui souffre, qu'il a pris sur lui la souffrance des autres. Qui prend en fin de compte sur soi la souffrance des autres, sinon l'être qui dit 'Moi'?* (tradução livre) LÉVINAS, Emmanuel. *Difficile liberté: essais sur le judaïsme*. 13 ed. Paris: Albin Michel, 1976. p. 129.

¹⁸⁷ *Le Messianismo (...) C'est mo pouvoir de supporter la souffrance de tous. C'est l'instant où je reconnais ce pouvoir et ma responsabilité universelle* (tradução livre). LÉVINAS, Emmanuel. *Difficile liberté: essais sur le judaïsme*. 13 ed. Paris: Albin Michel, 1976. p. 130.

¹⁸⁸ LÉVINAS, 2013, p. 83 e 84.

ninguém pode substituí-lo.¹⁸⁹ Há de se admitir que o sujeito até deseje, em diversas circunstâncias, renunciar a esse encargo, contudo, segundo Lévinas, é exatamente nesse ínterim que se percebe perdendo o sentido e sua humanidade – eis a sua condicionante de existência.

A ética, em Lévinas, destarte, distancia-se do significado que lhe fora atribuído pela filosofia ocidental, como sendo a “ciência do *ethos*”, ou como “conjunto de normas do agir”, exatamente porque se coloca à escuta do apelo do “rostro”, o qual, ao constituir a subjetividade, institui a responsabilidade em relação ao Outro e ao terceiro¹⁹⁰, em âmbito de gratuidade e de bondade. Trata-se, assim, de uma construção intersubjetiva que se dá no plano da experiência, onde se aceita o risco do *para além do ser* e da transcendência, o que de uma certa forma, excepciona o resultado nihilista da filosofia, enquanto ontologia.¹⁹¹ O apelo do rosto coloca em xeque a maneira como a ética ocidental procura justificar o agir do sujeito agente moral ou do sujeito social, que é pautado no *ethos* do grupo,¹⁹² exatamente, porque em Lévinas, a responsabilidade vem antes da liberdade.¹⁹³ A ética em Lévinas, torna-se, destarte, a filosofia primeira, onde – resumidamente – o semblante do *Outro* vem ao encontro do Eu e diz: “Não matarás”.¹⁹⁴ E isso ecoa por demais em um momento ímpar onde a vida é sitiada sob o crivo de um vírus.

3 O apelo do outro e a resposta de algumas igrejas em meio à pandemia

É indubitável que o sofrimento humano é estratosférico em uma incondição pandêmica, como a que vem sendo vivenciada no Brasil, a significar que a busca pelo transcendente em vista de um certo esvaziamento de *si*, diante de tanta transparência e mundanidade (sofrimento), mostra-se quase que invariavelmente, inexorável. Cercado pelo caos sanitário, o homem se defronta com a finitude da vida, a dor, a injustiça, a crueldade, a solidão e tantas outras feições desconcertantes da existência, sendo a experiência religiosa, nessas circunstâncias, uma resultante lógica deveras encontradiça.

Rubem Alves, ao tratar acerca do fenômeno religioso, pontua que é exatamente, “quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem...”¹⁹⁵ Assim, diante da perda, do medo da morte ou de eventual realidade ameaçadora, cada ente (homem) à sua maneira - e isso não se afigura como um fato isolado -, costuma se enveredar pelos caminhos de quem se coloca na contingência de falar sobre o sagrado, o invisível, o infinito, as coisas do céu e acerca de Deus. E o apelo, concretamente, falando, nessas circunstâncias, é o grito de uma pessoa humana que, de alguma forma, insiste em aqui permanecer, para continuar fruindo, o que envolve a

¹⁸⁹ LÉVINAS, 2013, p. 84.

¹⁹⁰ RIBEIRO JÚNIOR Nilo. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Loyola, 2010. p.14-15.

¹⁹¹ LEVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 30.

¹⁹² RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. 2010. p.15.

¹⁹³ LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1974. p. 159.

¹⁹⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *Filosofia: Idade Contemporânea*, 2 ed., Vol. III, São Paulo: Paulus, 2018. p. 659.

¹⁹⁵ ALVES, Rubem. *O que é religião?* 14 ed. São Paulo: Loyola, 2013, p. 12.

expectativa de se receber uma palavra de esperança, de renovação da fé e de bom ânimo.

Essencialmente, o que se pretende mesmo, nessa circunstância, salvo raríssimas exceções, é a conservação da vida, sendo a religião, nesses termos, um elemento cultural de mediação, cujo mediador - e aqui não se refere, *v.g.*, a Cristo, mas, antes, àquele que fala em nome “de” - é interpelado pelo *fiel*, que traz em seu semblante, em sentido levinasiano, um pedido em tom de ordem para que aquele *ser*, enfim, não seja partícipe de sua morte, “não o mate”; antes, ajude-o a transcorrer o caminho da superação.

Em Lévinas, encontrando-se a ética como precedente à ontologia, garante-se ao *Outro* um lugar que foi subjugado pela razão da Mesmidade do Eu, de modo que ele passa a ter uma significação que vai além do significado, que lhe fora costumeiramente atribuído: é a ideia de Infinito trazida em seu rosto. Indubitavelmente, a religião nessa senda, ganha um sentido original que também vai além da ontologia e da razão, e nessa variante, o *Outro* já não pode mais ser objeto de suas tematizações ou ficar reduzido ao seu pensamento. A religião, em Lévinas, acaba sendo conduzida “para além dos dogmas que tentam aprisioná-la – enfim, reduzi-la às amarras das leis, como mais relevante que o humano”, e nessa perspectiva, o “eu” é conduzido para exercitar a sua responsabilidade ética de amar o Outro antes de conhecê-lo e de viver antes de pensar.¹⁹⁶ Vide o que diz Estavam ao se referir ao sentido ético da religião a partir do filósofo lituano:

A religião, portanto, vem da relação ética, do comprometimento com o outro, com a vida do outro, sem subterfúgios, sem criar um mundo ideal, racionalizado e distante, desvinculado do *chão da vida*. A ética e a religião estão, assim, intrinsecamente ligadas pela relação e pela alteridade, o que, a partir da concepção de ética como filosofia primeira, supõe uma religião que não deve se fundamentar na razão, na ontologia, mas sim na relação entre os homens.¹⁹⁷

Ou seja, nessa matriz, a religião somente pode ser entendida como tal, se for ética, de modo que as relações humanas retem marcadas por uma dimensão que vá além dos interesses pessoais, além da razão totalizante que julga ter alcançado o transcendente, muito embora, colonizada em sua própria visada, como se a *sua verdade* pudesse definir o *ser*. Sem dúvida, essa construção filosófica, de logo, a considerar o objeto de análise, legitima uma preocupação iminente, na medida que uma seção importante do cristianismo brasileiro, que é a religião hegemônica, defende o funcionamento presencial de seus templos, no epicentro da crise pandêmica, ou mesmo em seu ponto culminante, muito embora a ciência tenha infirmado uma orientação diametralmente contrária. Não se trata de uma pequena seita ou de uma religião minoritária, que, possivelmente, estivesse na contingência de perfazer uma pequena contribuição de pioria em um momento tão delicado. Trata-se de uma religião de um povo engajado que intenta reimprimir a todo custo, uma moralidade e, consequentemente, uma dada feição comportamental. Além de saltar aos olhos a dimensão de tal problema do ponto de vista sóciopolítico, logicamente, e à reboque,

¹⁹⁶ ESTEVAM, José Geraldo. *Alteridade e sentido ético da religião na filosofia de Emmanuel Lévinas*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 124-126.

¹⁹⁷ ESTEVAM, 2020, p. 127-128.

isso coloca sob suspeita a intencionalidade da correlata liderança eclesiástica, pois não parece militar a partir dessa feição ética que sugere ao “Eu”, arriscar-se para salvar a vida do Outro, em uma abertura total para o infinito (desejo), divorciando-se de todos as necessidades institucionais e pessoais, que podem justificar esse ou aquele interesse privado.

Sem dúvida, os encontros religiosos são um momento de os fiéis receberem conforto, consolo e diminuïrem os seus sofrimentos em uma pandemia que insiste em se prostrar no tempo, contudo, isso não se justifica (em si mesmo) e pode ser uma grande armadilha, numa circunstância onde o sistema de saúde entrou em colapso. Consoante a ética levinasiana, a igreja deveria ser a primeira a se mostrar *responsável* pela própria *responsabilidade* de seus fiéis, a fim de que o valor vida viesse a se situar acima de toda e qualquer liturgia, doutrina ou *práxis* religiosas, ainda mais a considerar o caráter existencial e mimético de quase toda membresia que sugere tantas repetições comportamentais e quanto à quem, há tantos *terceiros* que exigem o mesmo cuidado e hospitalidade.

O Conic - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, inclusive, divulgou comunicado no dia 05.04.2021, evidenciando a sua contrariedade à realização de missas e cultos presenciais, nesse triste íterim pandêmico, em que pese a essencialidade do serviço religioso.¹⁹⁸ Nessa perspectiva, dialogando, decerto, com aqueles que conseguem enxergar a restrição como um atentado à liberdade religiosa¹⁹⁹, a exemplo do Conselho Nacional de Pastores do Brasil,²⁰⁰ o Conic sentenciara:

Evitar deslocamentos, usar máscaras, não realizar aglomerações são atitudes de amor à vida e às pessoas. De nada adianta ir à igreja se desprezamos a vida e o cuidado com as pessoas. Nosso testemunho de amor precisa se expressar em atitudes. Ficar em casa, usar máscaras, praticar a solidariedade são ações coerentes com o Evangelho e salvam vidas.²⁰¹

Mas, o negacionismo encontrado nesses segmentos religiosos, quanto à possibilidade de o comportamento social em dadas circunstâncias, incrementar o risco à saúde ou à vida humana, tem sido uma tônica, sobretudo entre os evangélicos pentecostais e neopentecostais. Ao que tudo indica, em sentido levinasiano, a voz que ecoa do infinito, as pegadas de Deus, o “não matarás”, não têm evocado essas instituições refratárias; ao revés, as razões de suas necessidades vêm sendo amalgamadas em postulados políticos aviltantes pois inumanos, que têm servido para justificar toda ordem de sujeição. Inclusive, a linguagem, nestes ambientes, não supõe uma pluralidade de interlocutores, mas uma representação de um (a membresia, que não é um) pelo outro (a igreja institucionalizada) como se fosse uma participação em uma universalidade pré-definida. Na filosofia levinasiana, tal linguagem não é ética, não considera a revelação do Outro para mim; antes, o Eu, preso em sua mesmidade e em seus interesses, “revela” esse outro, como se ele não fosse refratário a toda tipologia

¹⁹⁸ CONSELHO Nacional de Igrejas Cristãs defende veto a missas e cultos presenciais [online].

¹⁹⁹ Historicamente, desde o seu insurgimento institucional no mundo civilizado, a liberdade de religião jamais disse respeito à religião em si, em sede de tipologia, mas, antes, ao fiel.

²⁰⁰ PORTINARI, 2021.

²⁰¹ CONSELHO Nacional de Igrejas Cristãs defende veto a missas e cultos presenciais [online].

e classificação.²⁰² E assim, consegue-se, desprezando-se as novas possibilidades tecnológicas de comunicação, afirmar que as pessoas sofridas carecem de culto presencial, pois necessitadas desse ajuntamento, desse calor humano, mesmo vivendo-se uma catástrofe sanitária.

À guisa de justificativa, para a concretização do intento de ver os templos funcionando presencialmente, tem-se ouvido diversas “elucubrações”. Como já supramencionado (item 1), diz-se desde a essencialidade da atividade religiosa que disponibiliza amparo e consolo, até a assertiva de que “a Igreja é um alimento para alma”. Muitos membros, a ratificar essa posição, acabam infirmando que “a espiritualidade deve estar acima de tudo”.²⁰³ A alteridade, aqui, já não “diz”; navega nas correntezas do “dito”. O fiel, por conseguinte, acaba “emprestando os seus lábios a uma palavra anônima da história”, como diria Lévinas. Destarte, percebe-se, ainda em sede de linguagem, que o *ser* jogado no mundo (Heidegger), não está em relação comigo, na medida que não se encontra inteiramente em relação a *si*, pois subjugado a ponto de perder, por uma razão totalizante conveniente e (in)oportuna, a condução de sua vida, como se abdicasse de ser um sujeito de direitos.

De acordo com Lévinas, no mínimo tem-se aqui uma adequação do saber ao *ser* totalizante, literalmente, “interessado”. Inclusive, nesse episódio *sub* análise, identifica-se uma experiência religiosa, inicialmente, acolhedora, mas no fundo, o *Outro* é tomado como se dado fosse, em franco determinismo da totalidade racional que faz questão de se valer de uma linguagem supostamente ética, a suscitar o bem e o melhor com “lábios lisonjeiros” (Salmo 12, 4).²⁰⁴ O sujeito cartesiano, aqui, não é destronado ou deposto, antes, é aniquilado pela própria orientação do meio eclesiástico. Contraditoriamente, a se considerar a ética levinasiana, o *Outro* homem, nesse ensejo, é desprezado e arrastado à violência com palavras piedosas²⁰⁵, pois submetido a um risco ilegítimo e evitável, a vivenciar o desvalor da própria vida - um bem-marcado pela inexorável insuscetibilidade. Discorrendo acerca da morte em Lévinas, Byung-Chul Han vai estabelecer que “a morte é do *Outro*. O *Outro*, porém, não é mais agora o portador da vontade hostil que violenta a minha vontade. Antes, ele é o *Outro* ameaçado, cuja mortalidade coincide inteiramente com a minha ‘responsabilidade’”.²⁰⁶ Diferentemente de Heidegger, em Lévinas, não é o meu *não-ser* que me angustia, mas, antes, a morte do meu amado “que é mais amado do que o meu ser”.²⁰⁷ Neste sentido, nenhum empreendimento, negócio, economia ou contabilidade tem o condão de transmutar a minha responsabilidade pelo *Outro*.

Obviamente, além de a postura religiosa *sub comento*, sugerir, literalmente, a consagração de uma ética *solipsista* – onde a liberdade vem antes da responsabilidade –, a contar com decisões em prol do inumano, indubitavelmente, resta materializada, também, uma feição política que vem à reboque.²⁰⁸ E a política, como o próprio exercício da razão – consoante Lévinas –, acaba sendo, em sede de totalidade, a arte de ganhar por todos os meios os embates do *ser*, sendo tal guerra a sua revelação, que

²⁰² LÉVINAS, 2013, p. 62-63.

²⁰³ MARTINHO, 2021.

²⁰⁴ LÉVINAS, Emmanuel. *A violência do rosto*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 35

²⁰⁵ LÉVINAS, 2014, p. 36-37.

²⁰⁶ BYUNG-CHUL HAN. *Morte e Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 251.

²⁰⁷ BYUNG-CHUL HAN, 2020, p. 252.

²⁰⁸ BENSUSSAN, Gérard. Lévinas y la cuestión política. In. DREIZIK, Pablo (comp.). *Lévinas y lo político*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014. p. 223.

deságua no estuário da violência a implicar a não-continuidade das pessoas.²⁰⁹ Sobre o tema, dirá Lévinas:

Mas a violência não consiste tanto em ferir e em aniquilar como em interromper a continuidade das pessoas, em fazê-las desempenhar papéis em que já se não encontram, em fazê-las trair, não apenas compromissos, mas a sua própria substância, em levá-las a cometer actos que vão destruir toda a possibilidade de acto.²¹⁰

Auscultando o caso concreto, verifica-se, rechaçada qualquer dúvida, uma generalização violenta (englobamento) para com o *Outro*, nas raias da não assunção de qualquer responsabilidade, onde se corre o risco, inclusive, de estabelecer, indiretamente, quem deve ou não viver.

A bem da verdade, em um momento no qual todas as decisões jurídico-políticas precisam restar subordinadas ao alcance de um objetivo maior, que é o de salvar vidas, discutir-se acerca do funcionamento presencial das igrejas em circunstância de descontrole epidêmico, passa a ser contraditório, desproporcional e constrangedor. O sujeito levinasiano, que experiencia *um outro modo que ser*, não sendo um em *si* para *si*, diante da *outridade*, não parece contemplado nessa perspectiva; em sua suposta hipótese não se mostra um tanto quanto enfraquecido para ouvir a primeira palavra dita por Outrem em sua penúria. Neste evento, alguém diz primeiro – as igrejas evangélicas que se colocam em defesa de seu funcionamento presencial –, a suscitar uma necessidade indelével, escamoteada a partir da circunscrição de uma suposta necessidade do fiel, que as instituições religiosas parecem conhecer como se este fosse. Ocorre que, ao fazê-lo, vinculam-se, inarredavelmente, a uma política que, sem carecer de maiores digressões, mostrou-se pífia e inumana, a olho nu. Tal fracasso, decerto, tem como principal artífice o próprio Executivo Federal brasileiro e a política de extermínio que o informa. A sua governança é negacionista, quanto à vigência da pandemia e o seu alcance (significado), a estabelecer, por via oblíqua, o lema “salve-se quem puder”. A postura do Presidente da República, frente à pandemia, desde o começo mostrou-se, em diversos episódios, indiferente, perversa e ineficiente. Além de negar a gravidade da doença, considerada, em princípio, como uma “gripezinha”, posicionou-se, desde o início da pandemia, em desacordo com a adoção de medidas de segurança - como o uso de máscaras - além de se colocar inteiramente contrária ao isolamento social (*lockdown*, em qualquer de suas feições), para não falar no desdém sistemático à vacina, como via primordial à não disseminação do vírus.²¹¹ Destarte, com uma política de combate ineficiente, e sem, sequer, engendrar um plano sustentável de restrição social, a pandemia se alastrou e o Brasil se tornou um palco de mutações, a propiciar o insurgimento de outras variantes ainda mais severas.

Quase que invariavelmente, portanto, e em conformidade com a narrativa de que “todos nós vamos morrer um dia”,²¹² há uma sensação de que se viveu no Brasil, uma *via crucis* de caráter coletivo, como se as pessoas estivessem, de uma certa forma,

²⁰⁹ LÉVINAS, 1990, p. 7-8.

²¹⁰ LÉVINAS, 1990, p. 8.

²¹¹ DI CUNTO, Raphael; RIBEIRO, Marcelo. Postura de Bolsonaro na pandemia incomoda até aliados e insatisfação no Congresso é crescente. *Valor Econômico*. 25.03.2021 [online].

²¹² TAJRA, Alex. Todos nós vamos morrer um dia: veja falas de Bolsonaro sobre o coronavírus. *UOL notícias*. 01.05.2021 [online].

como “bons cordeiros”, sendo conduzidos para o “matadouro”, porém, a desembocar em estuários inteiramente desiguais, a depender da situação socioeconômica dos grupos correlatos. Boaventura, ao denunciar a existência de um sistema perverso que intenta se mostrar com rosto humano a partir da construção de um forte vínculo, entre a extrema-direita e “versões altamente politizadas e conservadoras da religião” (evangelismo pentecostal na América Latina, por exemplo), denuncia que:

Na presente crise humanitária, os governos de extrema-direita ou de direita neoliberal falharam mais do que os outros na luta contra a pandemia. Ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para chicana política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. Deram a entender que uma dose de darwinismo social seria benéfica: a eliminação de parte das populações que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento. Os exemplos mais marcantes são a Inglaterra, os EUA, o Brasil, a Índia, as Filipinas e a Tailândia.²¹³

Assim, é manifesto que este cenário onde se sobreleva interesses privados de organizações religiosas, a ratificar uma (necro)política odiosa, não se coaduna com a ética levinasiana. Inclusive, nem mesmo a mais letal feição dessa pandemia, quando da segunda onda, que tanto obrou no sentido de materializar uma conotação de indiferença, ante ao evento morte – que se dera em atacado –, foi o suficiente para demover tal proceder eclesiástico. Sem dúvida, aos olhos dessas instituições, contraditoriamente, a metafísica do filósofo multicitado afigura-se como uma armadura imprestável em meio à dura realidade. As suas necessidades quanto à própria sobrevivência, decerto, falam mais alto e exigem um acento significativo na política, que instrumentaliza a razão, a fazer pouco caso da moral (ética) ora diluída, advindo a guerra, que é a experiência pura do *ser* puro²¹⁴, em sua revelação totalizante.

Em que pese o deslocamento hermenêutico a se considerar o contexto do nascimento da ética levinasiana (pré e pós-holocausto na Segunda Grande Guerra Mundial) e o momento pandêmico vivenciado, deve-se infirmar que o momento histórico, as razões e a filosofia fundante de tais posicionamentos religiosos aqui objurgados, aconselham o manejo de tal objeto formal como mais uma luz necessária. Se quanto à crise pandêmica, é uma violência sem precedentes, do ponto de vista governamental, a despeito de subsistirem lídimas necessidades de cunho econômico, impor um proceder inconsequente e irresponsável que conduz as pessoas, em diversas circunstâncias desaconselháveis, para o advento de uma morte precoce, isso ainda mais se agrava quando o teórico racional vem embebido de uma roupagem religiosa que pretende escamotear, de forma dogmática, a implosão do “Outro”, na medida que se submete, mesmo inconscientemente, a eventual ideário totalizante. A voz do filósofo, no prefácio de uma de suas principais obras - Totalidade e Infinito – publicada em 1961, parece ecoar nos dias hodiernos, senão verifique-se:

²¹³ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Lisboa: Almedina, 2020. p. 26.

²¹⁴ LÉVINAS, 1990, p. 7.

Facilmente se concordará que importa muitíssimo saber se não nos iludiremos com a moral.

A lucidez – abertura de espírito ao verdadeiro – não consiste em entrever a possibilidade permanente da guerra? O estado de guerra suspende a moral; despoja as instituições e as obrigações eternas de sua eternidade e, por conseguinte, anula, no provisório, os imperativos incondicionais.²¹⁵

Vide, contudo, que não é só a ética levinasiana que restara aviltada nesse episódio. Até porque, tal reflexão filosófica, que confronta a inspiração bíblica (velho testamento) com o pensamento grego, coincide, em grande parte, com o novo testamento, sobretudo no que se refere ao “*um-para-o-outro* na profundidade da eleição, da expiação e da substituição, a paciência e a *passio* no fundo da subjetividade”²¹⁶ (*griffus* nossos). Ao que parece, esses elementos da ética levinasiana descrevem “não só a espiritualidade do cristão, mas de modo inaudito a humanidade messiânica de Cristo”²¹⁷, em que pese todos os desencontros entre o judaísmo e o cristianismo²¹⁸. Embora pareça despiciendo, à obviedade, essa exteriorização religiosa, ora analisada, vai criar implicações elementares para essas igrejas, pois talvez não seja tão simples reconhecer o amor do Deus Cristão, a partir de tal feição eclesiástica que contraria a própria causa de Jesus, a despeito de tê-la abraçado, sobretudo, quando se percebe uma sutil proximidade entre a substituição vicária e expiatória de Cristo (o Messias) e a responsabilidade infinita em Lévinas, que se dá até a expiação, em grau de substituição, característica identitária do sujeito levinasiano, que existe pelo Outro e para o Outro, literalmente, instrumentalizado sem cerimônia, a partir de uma visada que tem o seu olhar colonizado no próprio umbigo. Ora, não é uma dissonância asseverar que o tão tergiversado amor sacrificial ao próximo (Ef 5,1.2²¹⁹; Jo 15,13.14²²⁰) é um imperativo categórico para a igreja, que diz ter Cristo como o cabeça (Cl 1,18)²²¹. Inclusive, o próprio Cristo parece sugerir que o amor ao próximo é preeminente quanto ao amor a si mesmo (Mt 22,39)²²²; Paulo, sem dúvida, vai falar de forma poética também de um amor sacrificial (1Cr 13,4-7)²²³, ensinamentos que dialogam estritamente com a ética levinasiana. Como bem colocou Lévinas, a Bíblia aqui, não é

²¹⁵ LÉVINAS, 1990, p. 7.

²¹⁶ SUSIN, 1984, p. 455.

²¹⁷ SUSIN, 1984, p. 455.

²¹⁸ Dentre outras questões, Lévinas vai estabelecer que a encarnação de Deus, em sede de judaísmo, é impossível de modo que a discrepância entre as duas religiões mostra, que ao final, as diferenças se tornam maiores que a semelhança. Cf. SUSIN, 1984, p. 455-459.

²¹⁹ 1 Sede, pois imitadores de Deus, como filhos amados; 2 e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave. *Bíblia Shedd*, 1997, p. 1660.

²²⁰ 13 Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. 14 Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. *Bíblia Shedd*, 1997, p. 1514.

²²¹ 18 Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia (.). *Bíblia Shedd*, 1997, p. 1672.

²²² 39 O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. *Bíblia Shedd*, 1997, p. 1368.

²²³ 4 O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensorbece, 5 não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; 6 não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; 7 tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. *Bíblia Shedd*, 1997, p. 1623.

uma prova de (...), mas, dá testemunho acerca do *dever-ser* cristão, o que implica, por melhor razão uma indelével perspectiva sacerdotal (institucional) a ser experienciada, como de fato, parece ter sido testemunhado por Paulo em toda a sua *práxis* de sofrimento (Cl 1,24).²²⁴

Conclusão

Indubitavelmente, a igreja fez um pacto sacrificial em defesa da vida – a vida do *Outro* –, na medida que abraçou a causa de Cristo, não sendo outra a sua deontologia fundante, contudo, o próprio processo histórico impõe a existência de contradições que militam em desfavor dessa assertiva, e o posicionamento das igrejas evangélicas no episódio em apreço, infelizmente não excepciona essa incongruência, que parece advir de uma experiência orientada por um Deus tematizado, verdadeiro ídolo feito à imagem e semelhança do *ser*, tão estranho, a se considerar o Deus da Palavra, aquele que elegeu o homem para cuidar do próprio homem, ante à vulnerabilidade que parece caracterizar a ambos, enquanto estrangeiros; aquele que diz não ao assassinio humano.

Tamanho é a força ególatra procedente da consciência de *si* que nem mesmo o mito da “torre de babel” deu conta do intento de dominação de um sujeito anônimo situado em *si*, onde o *ser* dita as suas normas e regras destituindo a possibilidade de o *existente* (o ente humano) existir, a considerar a sua *ipseidade*, em um franco processo que se deflagra pelo primado da interioridade sobre a exterioridade; pelo olhar sobranceiro da imanência diante do transcendente; e, pela repugnante e odiosa consagração da hipótese em razão do fato, onde em todos os casos, o próprio sujeito e a sua alteridade acabam aniquilados.

Lévinas pretende romper com a ética proposta pela filosofia ocidental, que, segundo ele, desconsidera a Alteridade do Outro, em homenagem ao *ser*. O pensamento levinasiano, indubitavelmente, se assimilado, provocaria diversas construções intersubjetivas que realçam a alteridade, *outramente*, a significar, decerto, o respeito à religião alheia e à orientação sexual do outro; o bom convívio com pessoas de outra nacionalidade e com a diversidade, inclusive, em plano dialético, no que se refere ao confronto de ideias. O Outro, tematizado pelo “Eu”, acaba por esta via sendo entendido como nada, não-humano ou inexistente, e isto é um facilitador em âmbito de consecução de violência, inclusive, de caráter religioso, já que, doutrinariamente justificada. Quando esse Outro, porém, mostra-se arredo aos interesses do *ser*, é ele facilmente cancelado ou eliminado, pois, afinal, resistiu à “verdade”, sendo culpado de seu sofrimento.

A Ética da Alteridade de Lévinas é um convite para pensar o encontro com outrem a partir da sensibilidade e da responsabilidade, pois é muito mais que um conceito, é uma prática. Ela não consiste, basicamente, em se colocar no lugar do outro, entender as suas angústias ou o seu sofrimento. Trata-se de se relacionar com o outro, *outramente*, e deixá-lo fruir e se revelar. Sem dúvida, a vida, neste caminhar, ganha uma outra tessitura que deságua em uma escala de valores muito maior, do que a doutrina ou a liturgia vista de forma tão pobre, pelos adeptos de uma política passível de eliminar o próximo.

Assim, em tempos pandêmicos, de vasta letalidade como ocorrera aqui no

²²⁴ 24 Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja.

Brasil, as igrejas evangélicas que não se submeteram às medidas restritivas suscitadas pela ciência, não ouviram o apelo do Outro ou do terceiro em sede de responsabilidade; antes, anularam, no provisório, a sua vocação, “os imperativos incondicionais” atinentes ao amor ao próximo (e ao próximo do próximo) e se colocaram no lugar comum do niilismo, numa atitude de negação ou descrença absoluta em relação aos valores suprassensíveis (sociais, políticos, religiosos etc.), em que pese a sua indumentária racional moralizante. Nem mesmo a deontologia primária que fundamenta o fazer eclesialístico, aqui expresso a partir de pequeno excerto da cristologia bíblica, foi observada. Obviamente, este ato que tergiversa com os elementos fundantes e imprime na história mais um acinte axiológico, somente se concretizara, pois, subsistente um sujeito cartesiano não deposto, cuja consciência ante ao Outro, não se mostra a experimentar um certo enfraquecimento, passível de evidenciar a defecção do sujeito que lhe permite viver o infinito em si, o estrangeiro em si, em plena hipóstase que deflagra a assunção da responsabilidade sacrificial, substitutiva. O sujeito deposto, o homem messiânico levinasiano, que tanto dialoga com a doutrina cristã que consubstancia essas igrejas evangélicas, não participou do evento ora auscultado, antes foi alijado. Lamentavelmente!

Referências

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* 14 ed. São Paulo: Loyola, 2013
- BENSUSSAN, Gérard. Lévinas y la cuestión política. In. DREIZIK, Pablo (comp.). *Lévinas y lo político*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.
- BORGES, André. Bancada evangélica pede reabertura templos para enfrentar ‘pandemia maligna’. *Jornal O Estado de São Paulo*, 18.03.2020. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bancada-evangelica-pede-reabertura-de-templos-para-enfrentar-pandemia-maligna,70003238598>>. Acessado em: 04.04.2021.
- BRUNO, Cássio; SAMPAIO, Jana. No pior momento da pandemia, as igrejas permanecem lotadas: o governo apoia, mas a Justiça pôs um freio nos cultos e missas. *Veja*, 09.04.2021 [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/no-pior-momento-da-pandemia-as-igrejas-evangelicas-permanecem-lotadas/>. Acessado em 12.04.2021.
- BYUNG-CHUL HAN. *Morte e alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CHEVILLOT, Annick. Un scientifique lance l'alerte: l'épidémie au Brésil est une menace mondiale. *Heidi News*, 04.03.2021. Disponível em: <<https://www.heidi.news/sante/un-scientifique-lance-l-alerte-l-epidemie-de-covid-19-au-bresil-est-une-menace-mondiale>>. Acessado em: 12.03.2021.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Appris, 2019.
- DI CUNTO, Raphael; RIBEIRO, Marcelo. Postura de Bolsonaro na pandemia incomoda até aliados e insatisfação no Congresso é crescente. *Valor Econômico*. 25.03.2021. Disponível: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/03/25/postura-de-bolsonaro-na-pandemia-incomoda-ate-aliados-e-insatisfacao-no-congresso-e-crescente.ghtml>>.

Acessado em: 30.03.2021.

DIP, Andrea *et al.* O lobby dos evangélicos contra o fechamento das igrejas: Bolsonaro briga para manter templos abertos por demanda da bancada evangélica e líderes de megaigrejas. *A Pública*, 07.04.2020 [online]. Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/o-lobby-dos-evangelicos-contra-o-fechamento-das-igrejas/>. Acessado em: 01.04.2021.

DREIZIK, Pablo (Comp.). *Lévinas y lo político*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.

ESTEVAM, José Geraldo. *Alteridade e sentido ético da religião na filosofia de Emmanuel Lévinas*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche: seminários de 1937 e 1944*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. La Haye; Martinus Nijhoff, 1974.

LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LÉVINAS, Emmanuel. *Difficile liberte: essais sur le judaïsme*. 13 ed. Paris: Albin Michel, 1976.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2013.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1990.

LÉVINAS, Emmanuel. *Transcendência e inteligibilidade*. Lisboa: Edições 70, 1991.

LEVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*. São Paulo: Loyola, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2009.

LUCHI, José Pedro. O lugar das religiões numa sociedade pós-secular. Discussão da perspectiva da J. Habermas. In ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (org.). *Religião e Sociedade (Pós) Secular*. Santo André: Academia Cristã; Vitória: Unida, 2014.

MACIEL, Alice. Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus: templos que recebem milhares de pessoas por culto planejam inclusive esquema de plantão para atender “os aflitos”. *A Pública*, 19.03.2020 [online]. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/megaigrejas-continuam-abertas-e-dizem-que-fe-cura-coronavirus/>. Acessado em: 01.04.2021.

MARTINHO, Anahi. Fiéis vão a igreja na fase vermelha em São Paulo: ‘espiritualidade acima de tudo’. *Uol Notícias*, 06.03.2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/03/06/feis-lotam-igrejas-no-primeiro-dia-da-fase-vermelha-em-sp.htm>. Acessado em: 04.04.2021.

MORI, Letícia. Como a crise do coronavírus expõe racha entre evangélicos no Brasil.

BBC Brasil, 28.04.2020 [online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52313890>. Acessado em 01.04.2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

PHILLIPS, Tom. Brazil's Covid outbreak is global threat that opens door to lethal variants 7 scientist. *The Guardian*, 03.03.2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/mar/03/brazil-covid-global-threat-newmore-lethalvariantsmiguelnicolelis?CMP=fb_gu&utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR3u41KIoCxonac6wsVAqemkkjwsVo5WviV_R3leena2kH1oLDeAP6fro#Echobox=1614792042>. Acessado em: 12.03.2021.

PORTINARI, Natália. Pastores entram com ação no STF para liberar cultos em São Paulo. *O globo*. 19.03.2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/pastores-entram-com-acao-no-stf-para-liberar-cultos-em-sao-paulo-24933272>>. Acessado em: 04.04.2021.

REALE, Giovanni. *O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *Filosofia: Idade Contemporânea*, 2. ed., Vol. III, São Paulo: Paulus, 2018.

RESENDE, Olívia. Pesquisador da UFMG explica como se formam as variantes, linhagens e cepas do novo coronavírus. *M – UFMG*. 22.04.2021 [online]. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/release/pesquisador-da-ufmg-explica-como-se-formam-as-variantes-linhagens-e-cepas-do-novo-coronavirus>. Acessado em: 25.04.2021.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Loyola, 2013.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Entrar na Igreja por outra porta: reflexões eclesiológicas para os dias de hoje. *Theologando - Revista Teológica*, São Paulo, a. II, n. 2, 2008.

RIBEIRO, Luciane Martins. *A subjetividade e o outro: ética da responsabilidade em Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

ROSA, Wanderley; RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Religião e Sociedade (Pós) Secular*. Santo André: Academia Cristã; Vitória: Unida, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Lisboa: Almedina, 2020.

SAVIAN FILHO, Juvenal. *Religião*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

STRAUSS, Leo. *Droit naturel et histoire*. Paris: Éditions Flammarion, 1986.

SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1984.

TAJRA, Alex. Todos nós vamos morrer um dia: veja falas de Bolsonaro sobre o coronavírus. *UOL notícias*, 01.05.2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>>.



Acessado em 02.05.2021.

TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VERDÉLIO, Adreia. Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março. *Agência Brasil*, 28.06.2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>>. Acessado em: 13.03.2021.

ZABATIERO, Júlio. *Para uma teologia pública*. 2. ed. São Paulo: Fonte; Vitória: Unida, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.